

ATIVIDADES DE SIMULAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Gustavo Luiz Xavier de Abreu

gustavo.xaviera@gmail.com¹

Resumo

Este estudo pretende investigar algumas potencialidades das atividades de simulação no ensino de geografia na Educação Básica para o aprendizado de conteúdos e desenvolvimento de competências e habilidades diversas. Revisamos alguma bibliografia nas áreas de Geografia, Educação e Ensino de Geografia e informações disponíveis online sobre algumas atividades de simulação realizadas na Universidade Federal Fluminense, na Escola Parque (Rio de Janeiro), no Colégio Pedro II (Rio de Janeiro) e no Cefet/RJ. Em seguida tratamos de refletir acerca da realização e dos resultados de uma atividade num contexto diferente dos observados usualmente, em vez de instituições reconhecidas pela excelência acadêmica e por atenderem estudantes do Ensino Médio, a referida atividade foi empreendida com alunos do oitavo ano da Escola Municipal Presidente Antônio Carlos, localizada no subúrbio do Rio de Janeiro.

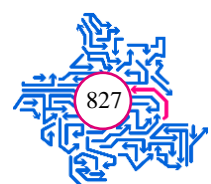
Palavras-chave: Atividades de simulação, Ensino de Geografia, Educação Pública.

Introdução

Ensinar geografia na Educação Básica implica uma série de desafios e possibilidades. Podemos citar como um desses desafios proporcionar ao educando o desenvolvimento das habilidades e competências referentes à percepção do caráter dinâmico e dotado de diversos pontos de vista, posicionamentos, interesses e configurações dos conflitos territoriais que se desenvolvem em diversas escalas espaciais. Como exemplos, pode-se citar a tensão migratória na Europa, a luta por terra no Brasil, as questões que envolvem o Estado Islâmico, entre muitos outros.

Entre as possibilidades de abordagem de assuntos tão complexos que envolvem a apropriação de conceitos geográficos, com destaque para o território, encontram-se as chamadas atividades de simulação. Neste tipo de atividade os estudantes interpretam cada qual um personagem envolvido em um conflito previamente selecionado defendendo suas ideias e interesses. Propõe-se um ambiente de formalidade no qual alguns estudantes ocupam-se de manter a ordem e o clima de respeito à diversidade de opiniões e posicionamentos compondo a mesa diretora, outros elaboram registros interpretando jornalistas e fotógrafos.

¹ Professor de Geografia nas Secretarias Municipal e Estadual de Educação do Rio de Janeiro



Os demais são delegados representando Estados e Organizações Internacionais convidadas. Lembrando que dependendo das características do conflito abordado, os delegados podem ser representantes de outros tipos de instituições.

Os participantes costumam ser convidados a caracterizar-se de acordo com os personagens que interpretarão, a usar placas de identificação sobre suas mesas e devem, com base em pesquisas orientadas pela organização (em caso de atividades abertas a inscrições voluntárias) ou professor (em caso de simulações que caracterizem atividade de classe) e eventuais discussões anteriores mediadas por este com os estudantes a respeito do conflito escolhido, preparar seus discursos, argumentos, perguntas estratégicas para outros participantes e propostas de resolução do conflito. Sempre defendendo os interesses de seus respectivos personagens.

As atividades de simulação geralmente são abertas pela mesa diretora, que, em seguida, convoca cada um dos delegados - representantes de Estados e Organizações - a fazer um breve discurso explanando em termos gerais suas intenções. Após os discursos, os delegados podem pedir a palavra à mesa diretora através de moções, com um simples levantar da placa de identificação. Delegados que desejem direito de resposta a algum discurso podem solicitá-los através de moções à mesa diretora. Pode haver inclusive rodadas de perguntas e respostas e mesmo de propostas a serem votadas pelos delegados presentes.

Encontramos relatos da realização de atividades de simulação por diferentes instituições, como a ONU Jr., e outras realizadas em instituições como o Colégio Pedro II, a Escola Parque, entre outras, envolvendo alunos Ensino Médio e com o auxílio de professores e estudantes universitários. É importante ressaltar que há diferenças substanciais entre os modelos de simulação citados. Para efeito de comparação, as atividades da ONU Jr., realizadas na Universidade Federal Fluminense, acolhem inscritos de diversas instituições e utilizam-se de um sofisticado guia de regras, além de possuir um comitê cuja língua oficial é a inglesa. Enquanto isso, no Colégio Pedro II encontramos atividades de simulação adaptadas para funcionar envolvendo apenas alunos da instituição, sendo acompanhada pelos professores regentes de Geografia e a língua utilizada é a portuguesa e por vezes é prática de classe como atividade de Geografia. O Cefet/RJ produz desde 2015 um modelo voltado apenas para estudantes do Ensino Médio da rede pública, o MODOW Cefet. As atividades citadas e algumas outras possuem *sites* próprios com formulários de inscrições, guias de

regras, avisos, fotos e materiais para estudo. Também são comuns as *fanpages* de cada simulação no *Facebook*.

O presente relato trata da realização de uma atividade de simulação num contexto diferente: uma turma de oitavo ano da Escola Municipal Presidente Antônio Carlos, localizada no bairro de Cosmos, Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

Posso citar como objetivos deste empreendimento o desenvolvimento nos discentes de habilidades e competências, como a compreensão do conceito geográfico de território e da atual relação dos os países entre si e com organizações internacionais e a percepção da multiplicidade de interesses e discursos que permeiam disputas territoriais, assim como dos aspectos históricos, sociais, étnicos, econômicos, geopolíticos, naturais e culturais envolvidos. Também pode-se desenvolver o protagonismo, o respeito à diversidade de ideias, a prática do debate sadio baseado em argumentos e a autonomia dos alunos.

Uma proposta de discussão teórica das atividades de simulação

Através de uma revisão bibliográfica em Ensino de Geografia, Geografia e Educação é possível formar substrato teórico e conceitual acerca do uso e das potencialidades das atividades de simulação.

A fim de iniciar uma imersão teórica, concordamos Jiménez e Gaite *apud* Cavalcanti (2012) que as atividades de simulação

reproduzem de forma simplificada um sistema, modelo ou processo - real ou realizável - no qual os participantes deverão tomar uma série de decisões com o fim de dar solução a determinados problemas que lhes são colocados (JIMÉNEZ e GAITE, 1996, p. 83 *apud* CAVALCANTI, 2012, p. 194)

E também que as principais características desse tipo de simulação são a "suposição de competitividade entre os participantes, o estabelecimento de regras e o caráter interativo" (CAVALCANTI, 2012, p. 194). Desta forma corrobora-se o grande potencial das atividades de simulação como prática eficaz para o ensino de situações complexas que demandem a percepção e a tolerância de pontos de vista e posicionamentos divergentes.

É importante ressaltar que, como durante a realização das atividades de simulação percebe-se grande influência das interpretações e decisões dos educandos, há um importantíssimo ganho de autonomia pelos mesmos na construção do conhecimento. Dessa forma pode-se alcançar a seguinte proposta:

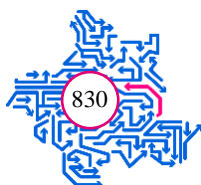
[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro numa sala devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2007, p.21)

Já o destaque para a pesquisa como atitude de ensino pode ser confirmado nas atividades de simulação na medida em que os organizadores - no caso do uso das atividades de simulação como atividade em classe, o professor - orientam as pesquisas e produzem materiais informativos dos quais os alunos se utilizam para a elaboração de seus personagens. Estes personagens, frequentemente estampam noticiários, pesquisas científicas e livros didáticos.

Experiências relacionadas a júris simulados, experiências que guardam algumas semelhanças com as atividades de simulação, são registradas de forma muito interessante em Kolstoe (2000, *apud* VIEIRA, et al 2014), onde diz-se que o “*role-play* aumenta a possibilidade de compreender o ponto de vista de outras pessoas quando você tem que se colocar no lugar dessas pessoas em uma determinada situação”, afirmando que “alguns estudantes enfatizaram a dificuldade em agir sob a perspectiva de uma pessoa a respeito da qual eles não concordam” (KOLSTOE, 2000, p. 924 *apud* VIEIRA *et al.* 2014).

Contudo, espera-se encontrar, um trabalhoso processo de preparação de cada atividade de simulação, tendo em vista que seu funcionamento diferencia-se muito das aulas tradicionais de Geografia, nas quais muitas vezes, e infelizmente, o professor é visto como o portador de um ponto de vista a ser considerado o “único verdadeiro” e incontestável e que deve ser absorvido acriticamente pelos alunos. Logo preparar os alunos - em casos de atividades organizadas entre os professores e suas classes - para defenderem pontos de vista diversos com a interferência apenas indireta do professor tende a causar certa estranheza nos educandos. A fim de superar possíveis resistências, os professores empreendedores de atividades de simulação costumam concordar que, “a cooperação/autonomia pressupõe ter em conta o lugar do outro, o que não está dado desde o início, mas é produto de uma construção” (PIAGET, 1994 *apud* REAL *et al.* 2008, p.5)

Ainda sobre os efeitos esperados de práticas como modelos de simulação, sobretudo no ensino de geografia, concordamos com Cavalcanti que:



As atividades de simulação são importantes no ensino de geografia, justamente por permitirem a aprendizagem ativa, desenvolverem a criatividade, a espontaneidade, a tomada de decisões sobre questões espaciais, o que permite, por sua vez, o encontro da geografia do cotidiano com a da escola." (CAVALCANTI, 2012 p. 193)

Seja abordando conflitos internacionais frequentemente presentes nas pautas das reuniões de diversos órgãos da ONU ou sobre questões mais ligadas à realidade brasileira ou mesmo à Região Metropolitana de metrópoles como o Rio de Janeiro, esperam-se desdobramentos que envolvam o conceito geográfico de território, que

(...) pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural. (HAESBAERT, 2004 apud HAESBAERT, 2007, p. 27)

Os territórios efetivamente apropriados e dominados, reivindicados ou pretendidos, encontram-se no cerne dos maiores conflitos e nos interesses dos atores envolvidos. De acordo com a interpretação de Pontuschka *et al.* (2009)

Escrevia Lacoste que o Estado e a grande empresa possuíam uma visão integrada do espaço, por suas intervenções em vários lugares, enquanto o cidadão comum tinha uma visão fragmentada, porque somente conseguia abarcar seu cotidiano, não possuindo informações de outras realidades. O Estado, conhecendo o espaço de forma integrada, tinha em suas mãos um importante instrumento de poder. (PONTUSCHKA, 2009, p.54)

Desta forma, envolver os alunos em atividades que propiciem pesquisa, reflexão e debate sobre as potencialidades dos territórios e os processos intervenção, apropriação, dominação e disputa que se desdobram sobre os mesmos trata-se de uma forma de democratização de um saber nem sempre garantido aos estudantes da Educação Básica.

O contexto escolar

A Escola Municipal Presidente Antônio Carlos funciona há mais de 50 anos e localiza-se na Rua Pequiá s/n no bairro de Cosmos, Rio de Janeiro-RJ. Sendo uma escola pública da rede municipal do Rio de Janeiro, encontra-se vinculada à Secretaria Municipal do Rio de Janeiro e, na divisão regional, à Nona Coordenadoria Regional de Ensino.

A escola atende cerca de 840 alunos de 10 a 16 anos de idade, divididos em 24 turmas. A realidade socioeconômica concentra-se em famílias com rendimento de um a três salários mínimos, notando-se heterogeneidade socioeconômica entre os alunos. Há turmas do sexto ao nono ano do segundo segmento do Ensino Fundamental e de aceleração, prioritárias para alunos com agudas defasagens idade-série.

A violência escolar, embora bastante presente, tem sido reduzida graças a ações e falas dos professores, direção e demais funcionários, mais presentes ultimamente nos locais onde há fluxo de alunos. Contudo existe agressividade física e verbal e assédio moral entre estudantes, destacando-se casos de racismo, homofobia, ou mesmo preconceito socioeconômico e intolerância religiosa. Estes casos não são tolerados pela comunidade escolar que repreende e esclarece os agressores e, em casos graves, esclarece os responsáveis legais pelas vítimas das providências institucionais e legais cabíveis.

O ensino muitas vezes é afetado pela falta de preparo prévio dos alunos para os conteúdos e para a quantidade maior de professores do segundo segmento do Ensino Fundamental. No total, são poucos os alunos que valorizam os conhecimentos produzidos nas aulas. A instabilidade do acesso à internet na escola e a grande quantidade de alunos por turmas (trinta e cinco a quarenta em média) também afetam as práticas educativas. Soma-se a isto a existência de muitos responsáveis que não se empenham em acompanhar o desempenho escolar dos estudantes e a pressão da Secretaria Municipal de Educação por aprovações incabíveis.

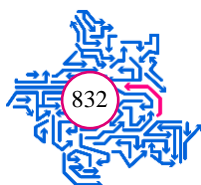
Nota-se que tanto do ponto de vista socioeconômico quanto de desempenho e interesse acadêmico, a Escola Municipal Presidente Antônio Carlos diferencia-se bastante de instituições como a Escola Parque, o Colégio Pedro II e outras onde ocorrem tradicionalmente atividades de simulação. Além disso o trabalho foi empreendido numa turma de Ensino Fundamental, sendo que em todas as instituições pesquisadas as atividades em questões voltam-se sobretudo para alunos do Ensino Médio.

O desenvolvimento da atividade de simulação

Trataremos neste artigo da experiência realizada na turma 1801, do oitavo ano e com quarenta alunos.

Após o término da unidade de conteúdo que tratava de conflitos territoriais contemporâneos, separei os alunos em grupos de até três integrantes e indiquei um conflito selecionado aleatoriamente para que cada grupo pesquisasse e respondesse as seguintes questões:

1. Quais são os envolvidos no conflito pesquisado?
2. O que cada envolvido reivindica?



3. Quais os principais acontecimentos decorrentes deste conflito?

4. Crie uma solução para o conflito.

Os conflitos selecionados foram os seguintes: católicos e protestantes na Irlanda do Norte, Israelenses e Palestinos, Bascos na Espanha, Catalães na Espanha, fragmentação da Iugoslávia, Tibete e China, Chechênia e Rússia, o califado do Estado Islâmico, entre outros.

Na aula marcada para a entrega, pedi que cada equipe falasse um pouco sobre o conflito que pesquisou e expliquei brevemente do que se tratam atividades de simulação e comuniquei que faríamos uma a respeito do conflito escolhido pela turma. Numa votação, o califado do Estado Islâmico venceu com folga sobre o segundo colocado: catalães na Espanha. A própria turma atribuiu a escolha à projeção midiática adquirida pelos ataques empreendidos pelo Estado Islâmico. Os catalães foram votados, embora em menor quantidade, devido à popularidade dos times de futebol espanhóis, principalmente o catalão Barcelona.

Em posse do resultado pesquisei em noticiários *online* impressos e bibliografia a respeito de questões do Oriente Médio. Cheguei então à lista de delegados da atividade de simulação: Califa do Estado Islâmico, Líder da Al-Qaeda: Ayman al-Zawahiri, Chefe de Estado Sírio, Primeiro-ministro iraquiano, Chefe do Conselho Nacional de Transição da Líbia, Nadia Murad (ativista yazid vitimada pelo Estado Islâmico), representante xiita não fundamentalista, representante sunita não fundamentalista, Abdullah Kurdi (refugiado sírio pai do menino encontrado morto em uma praia com grande repercussão na mídia), representante curdo, presidente turco, rei da Jordânia, imigrante muçulmano morador de Molenbeek (Bruxelas), presidente francês, presidente americano, primeiro-ministro do Reino Unido, presidente russo, representante do Observatório dos Direitos Humanos da Síria, cinco jornalistas, três fotógrafos e três integrantes para a mesa diretora. Sorteiei os papéis entre os alunos e permiti que, em caso de vontade e consentimento bilateral, trocassem entre si.

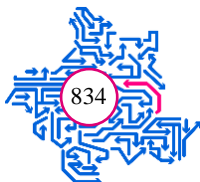
Depois disto levei aos alunos artigos impressos sobre os conflitos que envolvem o Estado Islâmico retirados de *sites* de notícias seguidos de uma lista de perguntas a serem respondidas em sala. Expus os principais aspectos do conflito e discutimos os textos, em seguida os auxiliei na resolução do questionário.

Levando em conta o pouco tempo disponível para a realização da atividade de simulação e o cumprimento das demais unidades de conteúdo e também a falta de prática de

pesquisa de muitos alunos, preparei e imprimi na escola textos de aproximadamente duas páginas cada para servirem de material de estudo para cada delegado (além dos já discutidos artigos sobre o Estado Islâmico) e recomendei uma série de sites para que pesquisassem e se aprofundassem. Na aula seguinte, pedi para que cada um elaborasse uma apresentação para seu personagem, com nome e principais objetivos, uma lista com quem considerassem seus principais aliados e adversários e elaborassem perguntas para fazer a eles. Estive disponível durante a execução da tarefa para tirar dúvidas e auxiliar os alunos em suas dificuldades.

Realizamos posteriormente um ensaio, no qual os integrantes da mesa diretora leram um texto de abertura e conduziram uma rodada cronometrada de apresentações e outras três de perguntas e respostas. Ao final do ensaio dei um retorno a respeito do que havia sido positivo - o ânimo em representar um personagem e a boa compreensão da dinâmica dos conflitos - e dos aspectos negativos - voz baixa e falta de embasamento de leitura de muitos. Quanto ao volume, contei com o auxílio do professor de Artes Cênicas da escola, que realizou treinos vocais com a turma, além de orientá-los para a caracterização no dia da realização da simulação. Quanto a falta de estudo dos personagens, destinei uma aula a discutirmos seus interesses e posicionamentos, além de outros aspectos ainda não compreendidos dos conflitos abordados e das atividades de simulação em si. Também direcionei alguns alunos que haviam faltado ao sorteio dos personagens que representassem assessores de colegas que receberam muitas perguntas no ensaio, sobretudo a aluna que foi a delegada da chefia do Estado Islâmico.

Na aula destinada a realização efetiva da simulação alguns alunos não compareceram caracterizados, mas outros empenharam-se nisso, nem que fosse utilizando adereços simples como lenços, e óculos. A simulação ocorreu na minha presença e do professor de Artes Cênicas que apenas assistimos à conferência. A mesa diretora abriu a simulação e conduziu as rodadas, uma de apresentação e três de perguntas diretas, controlando o tempo utilizado por cada um. Foi impressionante observar que por cerca de setenta minutos um conflito tão complexo foi debatido de forma respeitosa e organizada sem qualquer interferência de um docente. Sobretudo se levarmos em conta as recorrentes queixas de desinteresse pelo aprendizado e de indisciplina, recorrentemente feitas pela categoria docente. Queixas fundamentadas, cabe ressaltar.



Houve perguntas feitas por alguns alunos que seus pares não souberam responder e também erros em algumas respostas. Contudo observei impressionante correção e coerência a maior parte do tempo.

Figura 1 - Atividade de simulação em andamento. À esquerda do leitor as cinco jornalistas e à direita os três membros da mesa diretora (esquerda). Aluna lê a pergunta que houvera preparado para inquirir um colega (direita).

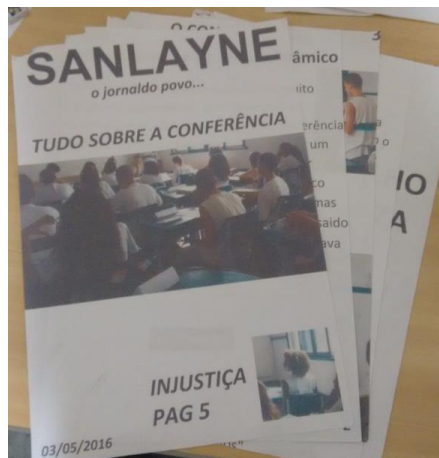


Fonte: O autor

Reservei cinquenta minutos da aula seguinte para uma troca de impressões sobre a simulação com a turma. Respondi as perguntas não respondidas e corrigi com delicadeza os erros cometidos. Expus, acima de tudo, minha admiração pelo que vi: o aprendizado, o protagonismo e a autonomia dos alunos. Disse sinceramente que eles deram uma grandiosa aula sobre os conflitos que envolvem o Estado Islâmico e sobre o potencial deles, muitas vezes subestimados por eles próprios e pelos docentes.

Perguntei o que eles acharam e recebi respostas muito positivas. Eles disseram que se sentiram muito envolvidos e comovidos pelo clima da reunião. Eu já havia percebido isso através das falas acaloradas de alguns e da diversão que expressavam ao simular rivalidade entre si. Também alegaram que alcançaram uma compreensão dos conflitos discutidos muito melhor que na aula expositiva. Pediram que fossem realizadas novas atividades de simulação o quanto antes.

Figura 3 - Uma das matérias produzidas sobre a atividade de simulação



Fonte: O autor

Considerações finais

A realização de uma atividade de simulação em uma turma do Ensino Fundamental da rede pública municipal no subúrbio do Rio de Janeiro foi uma experiência desafiadora, muito trabalhosa e que corria o risco do fracasso. Foi necessário adaptar o funcionamento visto em outras instituições para compensar as defasagens acadêmicas notadas na referida rede e a imaturidade e agitação da fase da adolescência em que se encontram os alunos. Precisei pesquisar muito, fazer muitas transposições didáticas e orientar cada etapa da preparação para a simulação definitiva. Contudo os resultados foram inquestionavelmente recompensadores. Os alunos demonstraram impressionante domínio das habilidades e competências às quais se propôs a atividade. A saber, a compreensão do conceito geográfico de território e da atual relação dos os países entre si e com organizações internacionais e a percepção da multiplicidade de interesses e discursos que permeiam disputas territoriais, assim como dos aspectos históricos, sociais, étnicos, econômicos, geopolíticos, naturais e culturais envolvidos. Eles também debateram ideias polêmicas e diversas sempre dispostos a ouvir e argumentar cordialmente. Pude ver os alunos envolvidos e sadiamente ansiosos com as aulas e a preparação, me surpreendi com o envolvimento deles e, sobretudo com o protagonismo e a autonomia que demonstraram.

Referências bibliográficas

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas: Papyrus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

Guia de Regras ONU Jr. Disponível em: <<https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2015/07/2-guia-de-regras.pdf>> Acesso em 16 mai. 2016.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, Ano IX, número 17, pp, 2007.

MID CPII. Em <<http://www.cp2.g12.br/component/content/article.html?id=3444>> Acesso em 16 mai. 2016.

MODEP. Em <<http://www.omodep.com/>> Acesso 16 mai. 2016.

MODOW Cefet. Em <<http://modowcefet.wix.com/modow>> Acesso em 12 jul. 2016.

PONTUSCHKA, Nídia N.; PAGANELLI, Tomoko I.; CACETE, Núria H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez 2007.

VIEIRA, Rodrigo Drumond; MELO, Viviane Florentino de e BERNARDO, José Roberto da Rocha. O júri simulado como recurso didático para promover argumentações na formação de professores de física: o problema do "gato". **Revista Ensaio**, volume 16, número 3, 2014. 22p.